

# GRUPO INSTRUMENTAL DA FURG: UMA SÍNTESE DA NECESSIDADE E IMPORTÂNCIA DAS BANDAS DE MÚSICA E O REFLEXO DE SUAS AÇÕES SOCIOCULTURAIS NA COMUNIDADE

Luciano da Costa Nazario<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse escrito é o resultado das experiências nas atividades extensionistas desenvolvidas durante o primeiro ano da criação do grupo instrumental da FURG (Universidade Federal Rio Grande). Objetivou-se apontar os resultados empíricos através de um prisma que avalia os fenômenos sociomusicais envolvidos na prática em conjunto e na educação musical. Utilizou-se o método da elaboração conjunta na construção do processo educativo, vivenciando as diferentes realidades sociais e suas respectivas inter-relações. Por meio dos resultados coletados, observaram-se os efeitos positivos que uma banda de música pode trazer a seus integrantes e à comunidade envolvida no projeto.

**UNITERMOS:** Música. Grupo instrumental. Extensão. Educação.

*FURG's music ensemble: a synthesis of the need and importance of a music ensemble and the reflection of its sociocultural actions on the community*

**ABSTRACT:** This article is a result from experiences in extension activities developed during the first year of the creation of the FURG's music ensemble. The objective has been to show the empiric results through a way that considers the socio-musical phenomenons involved in the group practice and musical education. We used the method of jointly elaboration in the construction of the educational process, experiencing different social realities and their respective inter-relations. Throughout the collected results, we have seen the positive effects that a musical ensemble can bring to its members and to the community involved in the project.

**KEYWORDS:** Music. Extension. Music ensemble. Education.

## O projeto e a motivação

O Grupo Instrumental da FURG é uma iniciativa do Núcleo Artístico Cultural da Universidade Federal do Rio Grande em inserir a música instrumental no meio acadêmico através da extensão. Além de ser uma maneira de mostrar o interesse da universidade por esta área, busca-se favorecer músicos locais que vêm no grupo instrumental uma oportunidade para aprimorar seus conhecimentos musicais, incentivando, por meio de várias ações, a criação do curso de música em nível de graduação<sup>2</sup>.

O projeto teve seu início em outubro de 2008, convidando músicos locais pertencentes à

<sup>1</sup> Mestre em Música (Composição) pela Universidade Federal da Bahia, músico no Núcleo Artístico Cultural – NAC da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande (lucomposer@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Até 2010, o curso de Música não consta das graduações oferecidas pela FURG.

comunidade e ao meio acadêmico a formarem grupos instrumentais sob minha coordenação. Na ocasião, diversas inscrições ocorreram envolvendo instrumentos de percussão, sopro (na maioria metais) e instrumentos elétricos. Essas pequenas formações acabaram se transformando em uma formação maior – o Grupo Instrumental da FURG –, composto pelos seguintes instrumentos: violão, contrabaixo, teclado, percussão, saxofones, trompetes, trombones, bombardino, flautas e clarinete (Figura 1):



Figura 1: Grupo Instrumental da FURG durante a apresentação no CIDECSul comemorativo aos 40 anos da universidade.

Com essa formação, o grupo se apresentou em diversos eventos locais (feira do livro, festival de bandas, festas natalinas, aniversário da universidade etc.) além de apresentações fora da cidade e gravação em TV local. Em seu segundo ano, o projeto conseguiu a aprovação do MEC e um orçamento destinado à compra de instrumentos (o que permitirá a formação de uma banda sinfônica) e à contratação de profissionais para ministrar oficinas de instrumento aos integrantes do grupo. O projeto também prevê a musicalização para crianças e jovens que não têm acesso aos conservatórios de música, sendo ministrados pelos próprios integrantes do grupo.

No entanto, algumas dificuldades colocaram o projeto em risco, fazendo com que o grupo quase acabasse. Durante o primeiro ano, não houve nada muito significativo que pudesse garantir sua continuidade e vários foram os fatores:

1. O campus, por ser distante da zona urbana, dificultava o percurso dos integrantes ao local de ensaio, alguns integrantes deixaram de participar do projeto por não terem como pagar o transporte;
2. O próprio local de ensaio não estava definido, estando sempre na dependência do empréstimo de acordo com a agenda das unidades acadêmicas, fato que ocasionava muitos transtornos quanto à circulação da aparelhagem e dos instrumentos.
3. Cada integrante tinha que trazer o seu instrumento pessoal, sendo que alguns providenciavam instrumentos emprestados, pois a universidade ainda não tinha subsídios financeiros para adquirir instrumentos musicais.

4. Os ensaios sendo à noite (devido à maioria dos integrantes trabalharem durante o dia), o risco de furto era uma constante.
5. O grupo era bastante heterogêneo musicalmente e socialmente, ocorrendo por vezes, várias discussões e atritos entre os integrantes.

Contudo, mesmo com esses problemas o grupo não se dissipou, o que me leva a questionar quais os fatores que motivaram seus integrantes a permanecerem no projeto. Na investigação, procurei refletir sobre os possíveis agentes motivacionais, buscando demonstrar os benefícios trazidos pela aprendizagem musical, além de refletir acerca do meu papel como coordenador, professor e regente nas relações sociais do grupo.

Esse trabalho, então, trata-se do relato dessa experiência, com o objetivo de contribuir para a bibliografia pertinente ao assunto.

### **Rio Grande, as bandas marciais e o grupo instrumental**

Embora seja uma cidade com um número considerável de habitantes (cerca de duzentos mil), as escolas de música existentes em Rio Grande oferecem, basicamente, aulas de violão, piano, teclado e canto. No entanto, há no município um grande número de bandas marciais<sup>3</sup> que atuam como agentes de educação musical não formal<sup>4</sup>. Nesse contexto, as bandas acabam inserindo-se como uma extensão do ensino escolar, em que não apenas a música está envolvida, mas também elementos educativos extramusicais, como cita Campos:

Se a educação musical ainda não é prática oficializada, os grupos vocais e instrumentais assumem papel importante no que se refere à socialização, à disciplina e à ampliação de experiências musicais. Desse modo, as bandas e as fanfarras constituem elementos importantes na formação escolar e podem ser analisadas como derivações do ensino da música na escola (CAMPOS, 2008, p. 103).

É desse contexto educacional que provém à maioria dos integrantes do grupo instrumental da FURG. As bandas marciais possibilitam a iniciação musical de crianças e adolescentes, criando uma atividade extracurricular positiva (embora muitas priorizem a competição ao invés da cooperação) em seus integrantes. Nesse contexto, o conhecimento é transmitido por um instrutor e, conseqüentemente, difundido entre seus integrantes.

Entretanto, as bandas marciais em Rio Grande restringem-se quanto à continuação do desenvolvimento musical, pois formam uma estrutura rígida e limitada no que diz respeito ao repertório, arranjos e técnica instrumental. Pelo fato de o conhecimento ser passado entre os integrantes dessas bandas, alguns vem a ser tornar instrutores, fator positivo do

<sup>3</sup> Bandas formadas basicamente por metais (trompete, trombone, sousafone, bombardino etc.) e percussão. Hoje, infelizmente, devido à falta de incentivo, o número de bandas marciais está caindo drasticamente.

<sup>4</sup> Muitas discussões emergem do uso dos termos “educação formal”, “não formal” e “informal”. Nesse texto, utilizo a definição de Wille (2005, p. 41) para o qual a educação não formal seria aquela com uma atividade intencional, onde ocorrem relações pedagógicas, porém pouco estruturadas e sistematizadas e não formalizadas.

ponto de vista da profissionalização (recebimento de salário para instruir), mas negativo por circunscrever o conhecimento num círculo vicioso, em que os mesmos rudimentos são repetidos, e o instrutor não buscar uma especialização fora do contexto em que se encontra.

Apesar de alguns integrantes das bandas se profissionalizarem (começam a tocar na noite por cachê<sup>5</sup> ou viram instrutores), a grande maioria passa por três escolhas quando chegam à fase adulta:

1. Continuam tocando na banda e exercendo uma atividade paralela (trabalho ou estudo);
2. Abandonam a banda (por vezes, a música) e se profissionalizam em outra área;
3. Arriscam e procuram continuar seu aperfeiçoamento musical fora do município, geralmente em uma cidade que ofereça acesso a cursos de graduação em música.

Nessa perspectiva de dificuldades é que se inserem os integrantes do Grupo Instrumental, ou seja, alguns ainda fazem parte de bandas marciais, mas optaram em expandir seus conhecimentos no grupo; outros, ainda querendo tocar, abandonaram a música e se dedicaram ou a outras profissões ou a cursos universitários de outras áreas; e há, ainda, aqueles que estão estudando música fora do município e que apoiam e querem participar do projeto.

Diante dessa heterogeneidade do grupo, diferentes interesses convergem em um ponto em comum, segundo Moreira “na música, o tocar, o fazer música em conjunto, proporciona objetivos musicais comuns” (MOREIRA, 2009, p. 92). Diante dessa afirmação, procurei descobrir que objetivos musicais eram esses, inserindo-os na proposta metodológica utilizada no projeto.

## **METODOLOGIA**

A reflexão sobre o histórico sociomusical de cada componente não se deu, obviamente, antes da execução do projeto ou em seu início. A observância das diferentes realidades, somente vivenciadas em cada ensaio, é que foi o fator delineador da metodologia a ser usada. Diante da identificação da diversidade e sua reflexão, pode-se promover o diálogo e estabelecer metas, de acordo com a necessidade individual e do grupo em si:

Esta necessidade de o educador compreender, respeitar e interagir com a especificidade do grupo implica uma postura de aceitação da diversidade – e queremos enfatizar, particularmente, a diversidade cultural. Lidar com a pluralidade evita, portanto, o etnocentrismo de tomar como referência a nossa própria música (inclusive considerando-a “redentora”), desconsiderando as produções artísticas, culturais e musicais dos grupos com que se trabalha (PENNA, 2006, p. 38-39).

O objetivo do projeto não foi apenas ensaiar um grupo musical de modo a apresentar

---

<sup>5</sup> Dinheiro pago por apresentação artística. Vale ressaltar que, em Rio Grande, o montante pago ao músico é suficiente apenas para sua sobrevivência.

músicas com a melhor qualidade possível, respeitando sua pluralidade e diversidade, esta foi apenas uma das ações do trabalho desenvolvido. Segundo a definição do Fórum de Pró-reitores de Extensão (apud NOGUEIRA, 2000), “a extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade”. De acordo com essas diretrizes, foi estabelecido o plano metodológico, utilizando os ensaios como o pilar das ações educacionais a serem tomadas. Em um primeiro momento, foram identificadas as qualidades, realidades e necessidades de cada componente e do grupo, aproveitando-as dentro do conjunto musical e da proposta metodológica, como demonstra o quadro abaixo:

| Qualidades dos integrantes do grupo  | Realidades do grupo   | Necessidades do grupo   | Proposta metodológica <sup>6</sup>  |
|--|---|---|---|
| A maioria dos integrantes consegue improvisar e aprecia gêneros musicais em que a improvisação está presente (jazz, bossa-nova etc.) | As improvisações ainda seguem um caminho muito intuitivo e os integrantes ainda não conhecem sobre harmonia | Estudar harmonia e desenvolver técnicas de improviso, utilizando-as como uma ferramenta no processo criativo                              | Oferecer aulas de improvisação e harmonia e escrever arranjos que deem liberdade ao improviso                               |
| Os integrantes conhecem os elementos básicos da técnica instrumental e estão habituado a tocar em conjunto                           | Desconhecem as diferentes articulações e dinâmicas utilizadas em arranjo                                    | Conhecer e estudar articulações e dinâmicas específicas utilizadas em arranjo, dentre outras técnicas                                     | Escrever essas articulações e dinâmicas nos arranjos, demonstrando sua execução dentro do contexto individual e em conjunto |
| À exceção dos percussionistas, os demais integrantes lêem partitura  | A leitura é limitada aos arranjos simples usados nas bandas marciais  | Desenvolver uma leitura musical mais aprofundada, envolvendo novos elementos métricos e rítmicos  | Ensinar, gradualmente, as escritas musicais mais complexas através da elaboração de arranjos que as contemplem              |
| Desejam desenvolver suas habilidades musicais e técnicas   | Os integrantes não têm acesso a escolas de música que possam oferecer o aprendizado em seus instrumentos    | Ter acesso a escolas de música públicas e privadas que possam oferecer técnicas e métodos no aprendizado de seus instrumentos específicos | Possibilitar que a FURG traga músicos profissionais para oferecer workshops de técnica instrumental                         |

Quadro 1: levantamento e proposta metodológica

Vale ressaltar que os integrantes do grupo provenientes das bandas marciais não concordavam com a “filosofia da disputa” presente na grande maioria das bandas. Eles enxergaram no Grupo Instrumental uma oportunidade de tocar, aprender e mostrar suas potencialidades musicais, fora do âmbito de campeonatos ou concursos musicais.

Nas aulas, procurou-se, por meio do método de elaboração conjunta, não apenas ensinar música, mas também estimular o senso crítico a partir de debates sobre questões

<sup>6</sup> O termo “método” aplicado no texto é entendido como o procedimento, técnica ou meio de se fazer alguma coisa de acordo com um plano (HOUAISS, 2001).

cotidianas envolvendo a música no Brasil. Descobriu-se, em vários momentos, que os integrantes desconheciam (ou não entendiam) o significado de muitos dos termos musicais falados diariamente, Termos como ritmo, métrica, compasso, tempo etc.

Utilizou-se, durante os ensaios em grupo, o método *Da capo*<sup>7</sup>, porém com uso diferente da sua proposta original. O método é direcionado a iniciantes no instrumento, promovendo, desde a primeira aula, a possibilidade de aprender em grupo, ou seja, o ensino coletivo. Como todos os integrantes não eram iniciantes, o método foi utilizado como uma ferramenta para trabalhar a sonoridade, afinação e o balance harmônico, pois sua escrita musical simples permitia trabalhar esses aspectos musicais com maior facilidade.

Por meio desse plano de ação, o Grupo Instrumental da FURG, em um período de um ano, aumentou consideravelmente sua qualidade sonora, aproximando os integrantes e solidificando a continuidade do projeto.

### **As interações<sup>8</sup>**

Não há como desconsiderar o contexto sociológico envolvido em uma atividade em grupo. Cada integrante, ao trazer suas experiências sociais, afeta direta ou indiretamente o trabalho (seja como regente, arranjador ou professor) de quem está executando o projeto, assim como o regente, ao trazer suas experiências, também afeta seus participantes. O modo pelo qual essa reciprocidade poderá ser positiva ou negativa depende inteiramente de quem está à frente do grupo, do seu olhar como educador e ser social, que deve despir-se de preconceitos e etnocentrismos, como sugere Arroyo:

A relevância pedagógico-musical de se “considerar os contextos socioculturais dos alunos” significa antropologicamente reconhecer que esses alunos estão inseridos em redes particulares de significado, que sinalizam para suas visões do mundo (ARROYO, 2000, p. 17).

A afirmação acima sintetiza a importância de um conhecimento multidisciplinar necessário ao educador. Em um primeiro momento pretendeu-se trabalhar unicamente com música, entretanto outros temas acabam emergindo e se inserindo durante o andamento do projeto. Temas como relações de trabalho, problemas familiares relacionados com a dedicação à música<sup>9</sup>, dificuldades financeiras, sexualidade, além de discussões internas por motivos diversos que acabam fazendo parte das atividades do projeto.

Diante de todos esses impasses, o regente deve unicamente trabalhar com a música, recusando-se a “ouvir” tudo o que está acontecendo e ignorando a idiosincrasia pertinente ao grupo e aos indivíduos? Particularmente não desconsidere as divergências que surgiam em cada ensaio,

<sup>7</sup> Método criado pelo Prof. Dr. João Barbosa para o ensino coletivo de banda, no qual são trabalhadas as habilidades instrumentais e de leitura utilizando músicas folclóricas brasileiras (BARBOSA, 2004).

<sup>8</sup> Por “inter-relações” entendem-se as relações sociais estabelecidas entre os integrantes e entre estes com o regente.

<sup>9</sup> Há relatos de represálias de famílias que se opõem à decisão de muitos integrantes de tocarem instrumentos ou de se dedicarem à música. A família, geralmente, prefere que o indivíduo trabalhe ou estude em algum curso que lhe dê, futuramente, retorno financeiro.

procurando trabalhá-las da melhor maneira possível. Certamente era consciente de que todas as minhas considerações tinham uma relevância, podendo ser positiva ou negativa no grupo. Creio que, na maioria das vezes, acertei, pois os músicos se integraram, culminando na formação de uma identidade em que os resultados puderam ser percebidos pela comunidade nas apresentações públicas.

## **Expectativas**

Embora considere os resultados deste primeiro ano da formação do Grupo Instrumental da FURG como positivos, há muito ainda que ser feito para a continuidade do projeto.

Em outubro de 2009, iniciou-se uma nova turma (com músicos iniciantes), em que se perpetrou um trabalho de aprendizagem musical e integração ao grupo original. Com a chegada dos instrumentos, prevista ainda para 2010, esperamos estabelecer duas formações musicais distintas: uma *Big Band* e uma Banda Sinfônica. Com isso, pretende-se beneficiar crianças e adolescentes, oportunizando o ensino de música a todos que não podem adquirir um instrumento ou pagar uma escola de música privada, democratizando o ensino e multiplicando os saberes.

Acredita-se que essas diretrizes fazem com que o projeto esteja integralmente de acordo com os paradigmas previstos no Fórum de Extensão, pois viabilizam ações que alcancem a comunidade por meio da Universidade.

## **REFERÊNCIAS**

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 5, p. 17, set. 2000.

BARBOSA, Joel Luiz S. **Da Capo**: método elementar para ensino coletivo ou individual de instrumentos de banda. São Paulo: Keyboard, 2004.

CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 19, p. 103, mar. 2008.

MOREIRA, Marcos dos Santos. O fator social a identidade e a relação com o ensino musical em Sergipe: o caso da Banda do Divino em Indiaroba. **ICTUS**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 92, jul. 2008.

NOGUEIRA, M. P. **Extensão Universitária**: diretrizes conceituais e políticas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, p. 38-39, mar. 2007.

WILLE, Regiana Blank. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 13, p. 41, set. 2005.

Submetido em 29 de janeiro de 2010

Aprovado em 15 de março de 2010